

## TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR NA CONTEMPORANEIDADE: LIMITES E DESAFIOS

### INTERDISCIPLINARITY TEAM WORK IN CONTEMPORANEITY: LIMITS AND CHALLENGES

Guilherme Maier MIRANDA\*\* 

Fernanda Nunes da Rosa MANGINI\* 

---

**Resumo:** Apesar do reconhecimento da importância do trabalho em equipe nos mais diversos espaços sócio ocupacionais, muitos obstáculos se colocam para sua operacionalização, a começar pela ausência de referenciais teórico-práticos que permitam fazer frente aos limites e desafios do trabalho nesse campo. Este artigo parte da necessidade de buscar subsídios operativos que auxiliem no desenvolvimento de ações profissionais e de estratégias de sucesso. Trata-se de uma revisão teórico-bibliográfica sobre o trabalho em equipe desenvolvida com objetivo de identificar e sistematizar fundamentos teórico-metodológicos e aportes técnico-operativos com a finalidade de estimular e instrumentalizar o trabalho em equipe interdisciplinar em uma perspectiva crítica. Para tanto, foi preciso situar seus limites e desafios na sociedade contemporânea. Conclui-se que o trabalho em equipe interdisciplinar condensa as desigualdades impostas pelo modo de produção vigente, o que faz necessário refletir sobre as condições sociais como primeiro passo para a sua concretização.

**Palavras-chave:** Trabalho em equipe. Interdisciplinaridade. Serviço Social.

---

---

**Abstract:** Despite the recognition of the importance of teamwork in the most diverse socio-occupational spaces, many obstacles arise for its operationalization, starting with the absence of theoretical and practical references that allow to face the limits and challenges of working in this field. This article starts from the need to seek operational subsidies that assist in the development of professional actions and successful strategies. This is a theoretical-bibliographic review on teamwork developed with the objective of identifying and systematizing theoretical-methodological foundations and technical-operational contributions in order to stimulate and instrumentalize interdisciplinary teamwork in a critical perspective. Therefore, it was necessary to situate its limits and challenges in contemporary society. It is concluded that the work in interdisciplinary team condenses the inequalities imposed by the current mode of production, which makes it necessary to reflect on social conditions as a first step towards its realization.

**Keywords:** Teamwork. Interdisciplinarity. Social Service.

---

Submetido em 27/06/2020. Aceito em 29/10/2020.

---

\*\* Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: <gui.117.miranda@hotmail.com>.

\*Assistente Social. Mestre em Educação e em Serviço Social. Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com período de doutorado sanduíche na Universidad de Sevilla. Professora adjunta do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Endereço: Rua João da Fontoura e Souza, 517, apto 502, Camobi, Santa Maria – RS. CEP 97.105-210. E-mail: <fernandapesquisadora@gmail.com>.



## INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade envolve uma gama muito heterogênea de experiências, realidades, hipóteses e projetos. Possui uma utilização muito ampla, sendo aplicada a diversos contextos e, para além disso, pode ser vista como uma crítica às limitações colocadas pela disciplinaridade (PAVIANI, 2008).

O emprego da interdisciplinaridade exige ações ligadas à reflexão crítica, uma prática comprometida com a concepção de totalidade que questione as tradicionais demarcações estabelecidas entre as áreas de conhecimento e as profissões, bem como, o caráter da divisão social do trabalho na sociedade capitalista. Requer aceitação dos profissionais envolvidos na partilha de informações e da problematização de fronteiras entre as diversas áreas de conhecimento, o que implica na criação de estratégias com vistas a superar a lógica de trabalho assentada na produtividade e em respostas imediatas às demandas.

Muito mais do que um amontoado de especialistas com as suas áreas de conhecimento, postos um ao lado do outro, ou a sobreposição de várias disciplinas, a interdisciplinaridade é uma relação de horizontalidade entre os diversos profissionais de uma equipe multiprofissional, participes conjuntamente de ações e estratégias de trabalho que possuam objetivos político-profissionais convergentes, de modo que cada profissional contribua com seus saberes, de maneira crítica e criativa. (MOREIRA, 2017).

A ideia de equipe traz a possibilidade de modificação dos processos de trabalho fragmentados, para o de um trabalho pensado e realizado coletivamente, numa perspectiva interdisciplinar. Diante desses aspectos, compreende-se que o trabalho em equipe multiprofissional pode conter o cenário profícuo para a integração das disciplinas científicas, ou seja, da realização da própria interdisciplinaridade, posto que essas disciplinas refletem diretamente no fazer cotidiano dos profissionais.

A interdisciplinaridade e o trabalho em equipe, na concepção teórico-metodológica deste trabalho são consideradas no contexto sócio-histórico de sua gestação, uma vez que, a produção do conhecimento dá-se concomitantemente à dimensão histórica e social da humanidade, pois é através da materialidade que o ser social cria suas concepções, teorias e ideias. Essa concepção está pautada no referencial teórico marxista histórico dialético, o que pressupõe discutir a interdisciplinaridade e o trabalho em equipe sincronicamente à história, distanciando-se da compreensão de tais conceitos como uma “panaceia” capaz de curar todos os males.

A palavra interdisciplinaridade surgiu em meados dos anos 1970, em um cenário de manifestações contrárias à excessiva especialização e fragmentação do saber, mas foi também uma busca de articulações entre as esferas do trabalho e da educação. Exemplo emblemático foi o Congresso de Nice que contou com a participação e apoio de empresários para discussão da interdisciplinaridade junto a pesquisadores e cientistas renomados. Esse evento demonstrou que a interdisciplinaridade não interessava apenas aos acadêmicos mas também ao setor empresarial.

A partir desse marco, vários estudiosos têm apontado que a interdisciplinaridade torna-se um conceito funcional ao capitalismo reestruturado, mediante o trabalho polivalente e multifuncional, além do

trabalho em equipe e do cultivo de uma atitude que estimula a criatividade e a inovação e o comprometimento do trabalhador com o resultado. Nesse sentido, a interdisciplinaridade é um conceito que será mobilizado por projetos societários distintos a partir de diferentes intencionalidades ético-políticas. (MANGINI; MIOTO, 2009).

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma articulação com o processo de estágio curricular obrigatório realizado em uma Associação de Amparo às Pessoas com Câncer no interior do Estado do Rio Grande do Sul, no qual observou-se a dificuldade de se construir o trabalho em equipe de modo coletivo e cooperativo. O trabalho se dava de forma segmentada devido às relações interpessoais, igualmente sustentadas em concepções de que o trabalho coletivo não deveria e não poderia acontecer, mas também e, sobretudo, às relações desiguais de poder entre as áreas profissionais pela defesa de hierarquias e pela disputa em torno da gestão da instituição.

Nesse sentido, chegou-se à conclusão da importância de se discutir o conceito de interdisciplinaridade e seus correlatos, concomitante à elaboração de um projeto de intervenção de estágio que se desenvolveu com o propósito de fomentar o trabalho em equipe. Nesse percurso, identificou-se como problemática de pesquisa que existe muita produção teórica sobre interdisciplinaridade, mas pouca produção com subsídios de cunho teórico-prático para auxiliar na construção do trabalho em equipe multiprofissional, isto é, que possibilitassem a qualificação de ações, a melhoria dos processos de trabalho, bem como, da relação entre os diferentes profissionais.

Esses subsídios teórico-práticos são fundamentais para as profissões de cunho interventivo, mais ainda, para aquelas que se inserem nas equipes multiprofissionais no âmbito de áreas como assistência social, saúde, habitação, etc. É o caso do Assistente Social, do Enfermeiro, do Psicólogo, entre outros. Em virtude disso, desenvolveu-se um estudo teórico de caráter bibliográfico, realizado através de artigos e livros sobre a temática do trabalho em equipe multiprofissional, com o objetivo de identificar e sistematizar subsídios teórico-metodológicos e operacionais que contribuam para instrumentalizar o trabalho em equipe interdisciplinar. Mais especificamente, buscou-se identificar os entraves ao desenvolvimento do trabalho interdisciplinar, bem como, as estratégias e táticas para a sua realização a partir da metodologia da revisão teórico-bibliográfica.

Os critérios de seleção do material bibliográfico foram a presença de subsídios teórico-práticos (indicações expressas sobre os limites e as possibilidades de construir trabalhos em parceria), a área de conhecimento e/ou a vertente social crítica (coerente com o referencial teórico-metodológico adotado neste trabalho). Assim, buscou-se identificar as possibilidades de estimular o trabalho em equipe interdisciplinar, bem como, caracterizar as principais dificuldades e desafios do trabalho em equipe interdisciplinar, apontando as possíveis contribuições do Assistente Social nesse campo.

Haja vista uma melhor forma de apreensão do assunto, este trabalho é disposto em quatro partes: Nas duas primeiras, apresenta-se uma sistematização que é resultante da pesquisa bibliográfica apontando as dificuldades e desafios ao trabalho em equipe interdisciplinar. Nas duas últimas, são tecidas algumas

reflexões com intuito de oferecer subsídios técnico-operativos a fim de contribuir para o fomento do trabalho em equipe em uma perspectiva interdisciplinar, entendendo que através de práticas interdisciplinares pode haver qualificação das ações. O propósito deste estudo é sistematizar estratégias de atuação, incrementando o aspecto propositivo e criativo necessário ao trabalho em equipe e, principalmente, ao trabalho do Assistente Social. (IAMAMOTO, 1998).

Assim, aborda os modos pelos quais o Assistente Social pode, a partir de sua formação, contribuir para a realização do trabalho em equipe interdisciplinar e para a construção de coletivos de trabalho mais comprometidos e solidários. Essa busca depende das condições histórico-sociais disponíveis para o trabalho em equipe, mas também do papel subversivo da reflexão e do conhecimento que o trabalho em equipe pode proporcionar, sobretudo, do autoreconhecimento da equipe como classe trabalhadora e da sua organização e mobilização para transformações que se desencadeiem a partir de seus próprios espaços de trabalho.

## **1. METODOLOGIAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR**

Em virtude de o trabalho dar-se de uma maneira cada vez mais especializada, considera-se o trabalho em equipe multiprofissional como uma forma de reorganizar os processos de trabalho. No entanto Silva e Trad (2005, p. 27) afirmam que, “a multiprofissionalidade por si só não é condição suficiente para garantir a recomposição dos trabalhos parcelares”. Por esse motivo compreende-se que o processo de trabalho deve ser guiado por uma lógica interdisciplinar, na busca de relações mais recíprocas, com cooperação entre os profissionais e articulação dos saberes e ações.

Nogueira (1998) afirma que existem duas dimensões da interdisciplinaridade, conectadas e que são dependentes uma da outra, são elas: a dimensão do conhecimento e a dimensão interventiva ou instrumental. Isto significa que os profissionais devem estabelecer trocas/interações tanto a nível de saber quanto a nível de fazer.

Para tanto, fez-se necessário trazer à tona algumas sugestões para a implementação de práticas interdisciplinares, tendo como base Nogueira (1998) e Vasconcelos (2008), e são elas:

- a) Seleção de profissionais identificados politicamente com o trabalho interdisciplinar e inovador. Essa seleção visa criar uma vontade política o mais consensual possível entre os trabalhadores, envolta por um projeto teórico e político que considerem as novas perspectivas de trabalho. Para tanto, é fundamental ter presente o espírito de equipe, buscando a qualidade do vínculo interpessoal entre os profissionais, pela ética, pelo respeito e pela solidariedade;
- b) Alteração do processo de trabalho, de individual, para uma ação em equipe interdisciplinar. Essa mudança requer reafirmar a complexidade da realidade e das demandas inerentes ao trabalho, por meio da própria fala dos usuários e seus familiares.

- c) Articulação do trabalho coletivo mediante o estabelecimento de objetivos comuns e reflexão sobre os mesmos. Essa articulação visa fomentando técnicas e abordagens para a prática diária de maneira mais coletiva possível, ou seja, com participação de diferentes categorias profissionais. Por meio da criação de dispositivos grupais e institucionais, possibilita-se que cada profissional possa aprender com a experiência do outro, durante o reconhecimento e exposição de suas fragilidades, parcialidades e limites de sua abordagem;
- d) Estabelecimento permanente de canais de comunicação entre os componentes da equipe que integram saberes e práticas, a fim de superar divergências, teóricas, metodológicas e estratégicas. Essa medida busca a preservação da ação reflexiva sobre o processo de trabalho em equipe interdisciplinar, reconhecendo a necessidade da atuação em equipe para além das normas burocráticas;
- e) Auto-organização da equipe para aceitação dos objetivos e definições, no que diz respeito ao processo de trabalho, fazendo necessário trabalhar tensões e conflitos, já que uma equipe é composta por diferentes sujeitos. Isto é, cada componente da equipe deve ter claro seu papel, limites e possibilidades diante do conjunto, assim como dos demais;

É preciso que tais processos possibilitem a integração dos saberes e ações e o rompimento de práticas autoritárias e hierarquizadas, pois a equipe é um ambiente suscetível à tensionamentos e conflitos, ao mesmo tempo que pode ser favorável a mudanças e transformações. Assim, torna-se necessário pensar metodologias e formas de trabalho em equipe interdisciplinar levando em consideração o contexto histórico-social, uma vez que a produção do conhecimento dá-se a partir desses processos.

Através das trocas e do envolvimento dos trabalhadores dá-se a iniciativa a práticas interdisciplinares, no entanto não é somente isso que vai garantir que os processos de trabalho vão se dar de maneira interdisciplinar, uma vez que deve se considerar também o contexto sócio-institucional, bem como se o mesmo não tende a manter métodos de trabalho controlistas sobre os profissionais. O que se sabe, é que as diferenças estão colocadas e o que se deve fazer é tentar buscar o que existe em comum nos processos de trabalho e nesse aspecto é importante trabalhar na equipe um método de reflexão sobre a prática de trabalho e tudo que a envolve, ou seja, falta de recursos materiais e humanos, falta de compromisso de alguns colegas de trabalho e tomadas de decisões conflitantes, que podem influenciar nessa prática.

## **2. DIFICULDADES E DESAFIOS AO TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR**

Em vista do potencial e do significado da atuação de forma integrada, instituir processos de trabalho em parceria é algo necessário, devido à incapacidade de uma área do conhecimento, por si só, dar conta de

compreender e explicar a realidade que é cada vez mais complexa e que, em consequência, exige a atenção de múltiplos campos do saber.

Diante desse aspecto, o trabalho em equipe interdisciplinar torna-se fundamental para o rompimento de ações parcializadas, pautadas na excessiva especialização, assim como colabora para a troca de conhecimentos de maneira horizontal, respeitando as especificidades de cada área profissional. No entanto, ao refletir sobre o trabalho em equipe interdisciplinar revelam-se dificuldades que são intrínsecas a esta atividade e que precisam ser abordadas a fim de serem pensadas e trabalhadas pelos sujeitos envolvidos.

Essas barreiras e limites ao trabalho em equipe interdisciplinar, de acordo com Vasconcelos (2008, p. 53), formam “um conjunto de estratégias de saber/poder, de competição intra e intercorporativa e de processos institucionais e socioculturais muito fortes, que impõem barreiras profundas à troca de saberes e a práticas interprofissionais colaborativas e flexíveis”, conforme Vasconcelos (2008), são as seguintes:

- a) A divisão social e técnica do trabalho e a constituição dos saberes como estratégia de poder, uma vez que cada profissão possui um espaço técnico e socialmente reconhecido, bem como o mandato social sobre um campo profissional. Nesses termos, cada profissão possui saberes e competências próprias, que o Estado formaliza através de um mandato social que autentica a tomada de decisões;
- b) Institucionalização de organizações corporativas como os sindicatos, associações e conselhos profissionais que acabam por criar fronteiras do saber e competências com outras profissões que, conseqüentemente, abre brechas para que cada grupo ou subgrupo profissional assumam uma cultura profissional, isto é, valores culturais e identidades sociais que interferem nas práticas de trabalho.

O trabalho em equipe multiprofissional por si só é produtor de tensões e conflitos, em virtude de haver diferentes interesses de poder, assim como diversas leituras de ser humano e de mundo sobre esse processo. Todavia, vale lembrar que os desafios e limites às práticas de trabalho em equipe interdisciplinar encontram-se diretamente relacionados ao contexto social e histórico ao qual a equipe encontra-se inserida. De modo que Frigotto (2011), traz o próprio plano material histórico e cultural como um problema para o trabalho interdisciplinar e a sua socialização. O autor compreende como um dos desafios à prática interdisciplinar os limites cognitivos dos sujeitos envolvidos nos processos de trabalho e a complexidade dos fatos históricos.

Assim sendo, esses limites acham-se em consonância com as barreiras elencadas anteriormente por Vasconcelos (2008), já que na sociedade de classes tais processos encontram-se imbricados. Nessa sociedade também alimenta-se a competição entre os profissionais de áreas distintas de conhecimento, assim como, entre profissionais de uma mesma área. Segundo Vasconcelos (2008, p. 53) ocorrem “várias tentativas de ‘usurpar’ competências e de ‘imperialismo’ entre profissões”, gerando barreiras à prática em equipe interdisciplinar.

Outros desafios que se colocam é justamente transpor o trabalho meramente técnico hierarquizado, para um trabalho com interação entre os profissionais, com maior horizontalidade e flexibilidade dos diferentes poderes, propiciando maior autonomia e criatividade e, como consequência, maior integração da equipe. Esses desafios, necessariamente, reivindicam uma mudança na própria sociedade e seu modo de organização e gestão, em outras palavras, é necessário romper com os processos de dominação e exploração vigentes.

Diante disso, Frigotto (2011, p. 46) diz que, “a superação mais profunda dos limites que encontramos na produção do conhecimento [...] somente se dará de forma mais efetiva na medida que forem sendo rompidas as relações sociais que fornecem a base material destes limites”.

É desafiador o trabalho que envolve diversos profissionais, com formações distintas, com experiências díspares, bem como com visões de ser humano e de mundo diferentes. Ainda mais, tudo isso somado a inserção em um contexto social, político, econômico e ideológico de contrarreformas trabalhistas e desregulamentação dos direitos sociais. Todas essas questões formam algum tipo de barreira que interfere diretamente no processo de trabalho em equipe interdisciplinar, uma vez que, para minimizar a interferência que estes fazem sobre os profissionais e sobre o processo de trabalho é necessário muito mais do que propriamente vontade.

A divisão técnica (cada um faz uma parte do trabalho) e social (atribuição de diferentes valores sociais para cada parte do trabalho) do trabalho corrobora demasiadamente para a imposição de barreiras e limites à prática em equipe interdisciplinar. Assim, Nogueira (1998, p. 46) traz o seguinte, “categorias com *status* econômico e social fortemente diferenciado, são historicamente reconhecidas pela competência estabelecida e têm maior dificuldade em trabalho coletivo”.

O cenário do mercado de trabalho é outro forte aliado a criar empecilhos ao trabalho em equipe interdisciplinar, em consequência de um aumento estrutural do desemprego. Sobre isso Nogueira (1998, p. 46) discorre o seguinte: “o receio da perda de emprego ou de funções profissionais, que tendem a ser diluídas entre categorias afins, provoca cisões que abalam as possibilidades de um processo de trabalho coletivo”. Diante disso, por receio de perder seus empregos muitos profissionais além de assumirem funções que não seriam de sua alçada, percebem o ambiente de trabalho como um “campo de batalha”.

Os processos de trabalho são constituídos de diferentes cenários, cada qual com suas particularidades, ainda assim a cultura de cada campo de trabalho e a maneira como o mesmo se dá nesse local, acaba por interferir na dinâmica do trabalho em equipe interdisciplinar. Somado a isso, há a junção de vários profissionais nesses diversos ambientes, o que colabora ainda mais para a imposição de limites ao trabalho em equipe interdisciplinar, devido à personalidade, à dimensão ética e à motivação de cada integrante da equipe.

Por fim, a falta de diálogo é outro empecilho ao trabalho em equipe interdisciplinar, haja vista que o mesmo é imprescindível para esse modo de trabalho, no qual há a troca de saberes e busca-se a construção de conhecimento e práticas integradas. Nesse sentido, Carrijo, Porto e Bertani (2003, p.46) acrescentam:

“diálogo é um dos aspectos da maior importância para uma relação interdisciplinar, mas pode tornar-se um obstáculo à mesma, pois cada disciplina possui linguagem específica”.

Neste seguimento, trabalhar o diálogo dentro da equipe é algo primordial para que o processo de trabalho se dê de uma maneira mais colaborativa e dessa forma, em conformidade com Silva e Trad (2005, p. 30) haja interação, “entendida como construção de consensos, em relação a objetivos e resultados a serem alcançados pelo conjunto dos profissionais”, do mesmo modo que possa se construir uma linguagem em comum entre a equipe.

### **3. POSSIBILIDADES E LIMITES DO TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR**

No contexto atual, a exigência por profissionais capazes de trabalhar de maneira conjunta, em face da complexidade da realidade, faz do trabalho em equipe na perspectiva interdisciplinar a melhor possibilidade de enfrentamento as fronteiras impostas pelo modo de produção capitalista e a maneira como o mesmo interfere na produção e reprodução do conhecimento e, conseqüentemente, nas relações de trabalho.

Dessa forma faz-se necessário a implantação de formas de trabalho compartilhadas, em que os diferentes profissionais sintam-se partes da totalidade das ações, de modo que dialoguem e partilhem saberes. É neste processo que podem reconhecer seus limites, abrindo brechas para a colaboração de outros especialistas, uma vez que a superação da visão unidisciplinar, além de uma questão epistemológica, é também uma questão política. Isto porque o conhecimento fracionado funciona a favor das classes dominantes. Sobre isso, Severino (2010, p. 17) afirma que trata-se “de reavaliar o papel da Ciência e do Saber em suas relações com o poder”.

Evidente que nas últimas décadas a interdisciplinaridade tornou-se um conceito igualmente funcional à nova fase do capitalismo reestruturado. Nesse sentido é importante refletir sobre o trabalho em equipe interdisciplinar na sua relação com a sociedade e as relações de produção, para que possamos reconhecer o direcionamento ético-político da proposta e os projetos societários em disputa pelo conhecimento e sua apropriação.

Em conformidade com Amaral e Cesar (2009, p. 2), existe uma “cultura do trabalho adequada aos requerimentos de produtividade, competitividade e maior lucratividade” que, em consequência, interfere na lógica do trabalho em equipe interdisciplinar. A pressão por produtividade e resultados pode ser um elemento limitante do tempo e das condições necessárias ao desenvolvimento do trabalho em equipe na perspectiva de atender às demandas de forma integral, qualificada, consciente e crítica.

A competitividade, na procura por realização pessoal, reconhecimento, destaque e até mesmo uma promoção, dificulta o trabalho em equipe interdisciplinar, colocando os profissionais uns contra os outros. O espaço de trabalho que seria de atuação conjunta na demanda por processos de trabalho mais ricos, torna-

se um ambiente de disputa e desconfiança. Contraditoriamente, consoante a Mueller, Bianchetti e Jantsch (2011, p. 189), “Capacidade de trabalhar em equipe, abertura a trocas, sociabilidade, colaboração, comunicação permanente são, entre outras, características que se prescreve e se espera de quem pretende ingressar no chamado mercado de trabalho”.

Essa lógica de trabalho produz e reproduz as contradições da estrutura social, adoecendo e alienando os profissionais que no esforço de trabalhar para mostrar resultados, tendem a perder de vista o trabalho em sua totalidade. De acordo com Macedo (2007, p. 34) “o trabalho multiprofissional é produtor de tensões e conflitos, relacionados ao poder e aos interesses em jogo, podendo também vir a produzir desgaste e alienação nos processos de trabalho”.

Nesse sentido, o trabalho em equipe interdisciplinar não é somente enfrentamento aos trabalhos particularizados, mas também expressão das relações sociais e de classe, tornando-se manifestação concreta das diferenças impostas pelo modo de produção vigente, o que reivindica seu necessário entendimento em conformidade com o contexto histórico e social de maneira crítica. Melhor dizendo, os trabalhadores são impulsionados a competir entre seus pares e até mesmo entre outras áreas profissionais, de forma que não se reconheçam enquanto classe trabalhadora.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade se dá apenas de maneira que possa servir aos interesses do capital, que utiliza-se da interação e cooperação dos profissionais para a exploração e a extração de mais-valia. “Relaciona-se com a necessidade de um novo trabalhador para fazer frente a um maior número de tarefas” (MUELLER; BIANCHETTI; JANTSCH, 2011, p.196), melhor dizendo, um trabalhador mais flexível e adequado às constantes transformações do capital. A interdisciplinaridade é fomentada não para que esses trabalhadores tenham uma visão mais aproximada da realidade e para que juntos alcancem novos rumos do conhecimento, mas sim para que respondam às necessidades impostas pelo capital.

Nessa lógica, a interdisciplinaridade perde seu real significado de cooperação, comunicação, interação e troca de saberes, anulando o potencial de alcançar novos patamares do saber, com possibilidades de articulação e enriquecimento mútuo. Trata-se de processos de trabalho que reduzem a interdisciplinaridade em um ingrediente meramente instrumental e operacional. As práticas variam de acordo com as necessidades do capital, de modo que os trabalhadores não devem e podem ter senso-crítico com relação aos processos de trabalho na sua totalidade. Dessa maneira, tem-se um esvaziamento do conceito de interdisciplinaridade, que já é considerada um conceito elástico pela sua ampla e indiscriminada utilização. (MUELLER; BIANCHETTI; JANTSCH, 2011).

Se, de um lado, tem-se o esvaziamento do conceito, de outro, tem-se uma noção mágica de interdisciplinaridade. Trata-se da conhecida crítica de sua utilização como panacéia, isto é, de cura dos males da especialização e do mundo do trabalho. Essa ideia de salvação encobre as amarras do capitalismo, que obstaculizam o próprio desenvolvimento de profissionais críticos e reflexivos. Assim, o trabalho em equipe interdisciplinar é estimulado para a produtividade e a inovação no capitalismo reestruturado, mas interdito

no que diz respeito à compreensão da realidade e do próprio trabalho em equipe interdisciplinar em consonância com a materialidade histórica e social.

Ademais, os trabalhadores estão sujeitos a rebatimentos neoliberais, que interferem diretamente na construção e consolidação do trabalho em equipe interdisciplinar, a exemplo da crescente terceirização dos serviços, que de acordo com Raichelis (2009, p. 8) “desconfigura o significado e a amplitude do trabalho técnico”. A alta rotatividade dos profissionais terceirizados, a precariedade e a instabilidade do vínculo laboral colocam em xeque a possibilidade do engajamento e da construção de um trabalho em conjunto de qualidade, pois o trabalho em equipe interdisciplinar demanda tempo e condições adequadas para: reunião; discussão de casos; encaminhamentos; entre outros aspectos. Além disso, a fragilidade e a diversidade dos vínculos laborais instauram posições desiguais e conflitivas entre os trabalhadores.

Ainda assim, vale salientar que, ao mesmo tempo “exige nova capacitação teórica e técnica, mas também ético-política” (Raichelis, 2009, p. 13), em razão de que os espaços ocupacionais concentram claramente as relações histórico/sociais mais adversas, oriundas das relações de classe, fazendo com que as relações de trabalho em equipe interdisciplinar necessitem do reforço de uma postura ético-política, capaz de democratizar o acesso ao conhecimento como forma de enfrentamento às desigualdades. Em outras palavras, é imprescindível que os profissionais de uma equipe interdisciplinar ao passo que cooperam e mobilizam diferentes áreas de conhecimento na resolução de problemáticas, possam agir mutuamente no campo ético e político reconhecendo sua condição de sujeitos pertencentes a uma sociedade de classes antagônicas e com interesses distintos, ou seja, é preciso que estes profissionais possuam além de tudo capacidade crítica, como também construtiva.

Nessa lógica, a dimensão ético-política pode se transformar em potencialidade nos processos de trabalho, uma vez que os profissionais da equipe obtêm maior engajamento nas atividades de trabalho, pois afina-se com as interações do conhecimento e das técnicas de ação. O trabalho em equipe interdisciplinar pode contribuir para despertar os trabalhadores a se perceber não somente como profissionais de uma equipe, mas enquanto sujeitos de uma coletividade maior, possuidora de conflitos de interesses. Se conduzido nessa direção, o trabalho em equipe permite criar um horizonte comum de reconhecimento dos profissionais como classe trabalhadora, frente ao desafio da fragmentação e da heterogeneização dessa classe.

Na sociedade capitalista, o trabalho em equipe interdisciplinar torna-se uma manifestação concreta das desigualdades sociais, já que existe historicamente uma excessiva divisão social e técnica do conhecimento e, em consequência, do trabalho. Essa divisão acaba por alienar não somente os usuários dos serviços, mas também os próprios trabalhadores que legitimam a fragmentação do conhecimento por meio de seu *status* profissional e/ou social.

Desse modo, o trabalho em equipe está intimamente ligado aos processos sociais e históricos. Pretender o trabalho em equipe interdisciplinar sem cogitar as refrações sociais e históricas é depositar na interdisciplinaridade uma responsabilidade que ela sozinha não poderia dar conta, pois assim como seus agentes, também encontra-se inserida em uma sociedade marcada por interesses distintos. Diante disso, Mueller, Bianchetti e Jantsch (2011, p. 192) declaram que, “a não compreensão dessa apropriação e dessa redução histórica e epistemológica do conceito de interdisciplinaridade sob o capital leva facilmente a que se assumam a interdisciplinaridade na acepção voluntarista”.

#### **4. O ASSISTENTE SOCIAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR**

O trabalho em equipe interdisciplinar exige profissionais comprometidos com os processos de trabalho, capazes de realizar uma leitura crítica da realidade tanto em nível micro quanto em nível macro, pois desconsiderar o contexto histórico e social em que se atua é o mesmo que trabalhar com um fragmento da realidade. O profissional Assistente Social tem uma formação acadêmica que habilita para análise da realidade social, política e econômica, assim como, de seus rebatimentos nos processos de trabalho, colaborando de maneira significativa para o trabalho em equipe interdisciplinar.

A formação acadêmica desse profissional possibilita desvendar o movimento da realidade, tendo por base os núcleos de fundamentos da formação sócio histórica brasileira e da vida social, de acordo com as diretrizes curriculares de 1996. Do ponto de vista ético-político, sua formação está orientada por valores e princípios éticos como a democratização dos saberes e relações profissionais, que tende a refletir não somente no atendimento aos usuários, mas também no próprio posicionamento desse profissional no interior das equipes. Em busca de socializar e democratizar o acesso à informação, princípios contidos em seu código de ética, o Assistente Social tende a apresentar disposição para compartilhar seus conhecimentos com a equipe, questionando os monopólios do saber e os corporativismos profissionais.

Trata-se de uma mudança de posicionamento que se contrapõe às relações sociais de dominação e exploração que são os modos pelos quais o trabalho está assentado no capitalismo. Essas relações de poder se reproduzem no interior das instituições e das equipes tanto nas relações entre os profissionais quanto com os usuários, a exemplo da estruturação verticalizada dos processos de trabalho, da superioridade/inferioridade atribuída às categoriais profissionais com *status* econômico e social distinto (NOGUEIRA, 1998). A interdisciplinaridade que é requisitada pelos chefes e dirigentes das equipes em uma perspectiva meramente instrumental<sup>1</sup> tende a ser questionada por esse profissional, pois não se trata de uma

---

<sup>1</sup> Nessa concepção, a interdisciplinaridade é um meio, única e exclusivamente operacional, que contribui para o andamento dos serviços de modo a trocar conhecimentos com uma finalidade puramente técnica e imediata. Trata-se de cumprir as exigências do capital sem um processo de reflexão crítica sobre as finalidades ético-políticas do trabalho em equipe interdisciplinar. Esse tipo de interdisciplinaridade não leva em conta o contexto histórico e social para o seu desenrolar e tende a não romper com as barreiras impostas pelo modo de produção capitalista.

leitura crítica apenas da realidade externa objeto da intervenção, mas também de uma análise das condições internas da instituição e da equipe para tal.

Com o fortalecimento do individualismo devido ao revigoramento do ideário neoliberal e o contexto de crise do capital, as organizações reestruturadas realizam a gestão nos moldes “faça cada vez mais com cada vez menos recursos” tanto humanos quanto financeiros e materiais. O enxugamento no quadro de trabalhadores das organizações, o aumento do desemprego conjuntural e estrutural e a crescente pressão por resultados conduzem à instabilidade e à precarização das condições de trabalho, bem como, à fragilidade dos vínculos entre os trabalhadores, comprometendo a qualidade do diálogo e do tipo de troca de conhecimentos necessários para que se efetive um trabalho em equipe realmente interdisciplinar. (ANTUNES; PRAUN, 2015)

O Assistente Social tem potencial de captar esses processos e, orientando-se pelas diretrizes curriculares, pela lei 8.662/93 e pelo código de ética profissional, intervir em uma perspectiva contra-hegemônica, fomentando os processos de conscientização, reconhecimento e solidariedade entre os trabalhadores de uma equipe. Esse profissional tem em seu Código de Ética elementos que respaldam e dão ênfase para ações e atividades interdisciplinares em uma perspectiva pluralista, que favorece o convívio, a colaboração e a cooperação entre os profissionais, conforme traz o Código de Ética em um de seus princípios fundamentais:

VII. Garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual. (CFESS, 2012, p. 24).

A partir do estabelecimento de relações respeitadas e democráticas entre os membros da equipe, marcadas pela horizontalização, os profissionais de Serviço Social têm um terreno fértil para trabalhar com a equipe como um pequeno coletivo a ser despertado. A interdisciplinaridade se torna um horizonte possível a medida que os profissionais de distintas categorias profissionais percebem que a organização coletiva pode contribuir para angariar melhores condições de trabalho e reordenar das relações de poder ante as chefias, ampliando suas margens de autonomia. Essas premissas estão contidas no código de Ética, no item Das Relações com as Instituições Empregadoras e outras, conforme consta:

Contribuir para a alteração da correlação de forças institucionais, apoiando as legítimas demandas de interesse da população usuária. (CFESS, 2012, p. 31).

Além disso, o Código de Ética é enfático no que diz respeito à relações dos Assistentes Sociais entre si e com outros profissionais, como expressa:

Realizar críticas ao trabalho do colega de forma construtiva; Respeitar as normas e princípios éticos das outras profissões; Incentivar, sempre que possível, a prática profissional interdisciplinar. (CFESS, 2012, p. 33).

Dessa maneira, o Assistente Social tem em seu Código de Ética, igualmente na sua formação acadêmica suporte para buscar subsídios teórico-práticos para a solução de problemas e para o incremento do trabalho em equipe interdisciplinar. Esse profissional também pode colaborar com métodos críticos reflexivos sobre os processos de trabalho, de modo a desenvolver a consciência crítica da equipe, possibilitando que os profissionais/trabalhadores se reconheçam enquanto classe trabalhadora inseridos em uma sociedade capitalista e que sofrem com os seus rebatimentos. Nesse sentido, o Código de Ética do Assistente Social traz em sua introdução o seguinte:

[...] É mediante o processo de trabalho que o ser social se constitui, se instaura como distinto do ser natural, disposto de capacidade teleológica, projetiva, consciente; é por esta socialização que ele se põe como ser capaz de liberdade. Esta concepção já contém, em si mesma, uma projeção de sociedade - aquela em que se propicie aos/às trabalhadores/as um pleno desenvolvimento para a invenção e vivência de novos valores, o que, evidentemente, supõe a erradicação de todos os processos de exploração, opressão e alienação [...]. (CFESS, 2012, p. 22).

É por meio dos processos de trabalho que compreendem em si todas as relações de uma sociedade capitalista, com exploração, dominação e alienação que acontece o trabalho em equipe interdisciplinar. Nessa lógica, não há como realizar esse tipo de trabalho desconectado de todo o restante, pois ele está intrinsecamente ligado a esse contexto, dele vivenciando interferências e interferindo. Ou seja, o trabalho em equipe interdisciplinar carrega em si as expressões das lutas de classe e somente poderá vir a se efetivar, caso levar em consideração as suas manifestações no cotidiano da vida dos trabalhadores.

Diante do exposto, compreende-se que o profissional de Serviço Social tem a capacidade de contribuir com o trabalho em equipe interdisciplinar levando conhecimento a equipe, de maneira a democratizar saberes, assim como através do fortalecimento do trabalhador como sujeito coletivo, classe trabalhadora, buscando a solidariedade entre as diferentes categorias profissionais na construção de um processo de trabalho mais democrático. Trata-se de um grande desafio pois é preciso que os profissionais dessa equipe assumam uma postura crítica sobre o modo de produção capitalista e a incessante exploração e alienação que o mesmo exerce sobre os indivíduos. Como resultado, o trabalho em equipe produzirá reflexões sobre novas formas de atuação capazes de priorizar ações mais coletivas e compartilhadas, que rompam com a indiferença que o capitalismo exerce sobre os trabalhadores.

Refletir sobre os processos de trabalho levando em consideração as diferentes áreas de conhecimento e tendo em mente as relações sociais coopera para recuperar a totalidade dos processos de trabalho, de modo que a equipe possa horizontalizar as relações de poder e instâncias decisórias para todos os trabalhadores, melhorando a forma como se desenvolve o trabalho em equipe interdisciplinar. Do mesmo modo que, favorece a construção de um projeto de trabalho em comum, isto é, mais participativo e colaborativo entre os diferentes profissionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em equipe interdisciplinar tornou-se uma necessidade devido à complexidade cada vez maior da realidade, mas também um desafio em face do neoliberalismo e do processo de reestruturação produtiva marcados pela destituição de direitos, pelo desemprego e pela fragilidade da inserção laboral, ante a competitividade que o mercado de trabalho impõe sobre os trabalhadores. Romper com as barreiras que limitam as possibilidades de realizar esse tipo de trabalho exige um confronto constante, evitando as armadilhas de depositar sua solução apenas na vontade de alguns profissionais que almejam um trabalho mais comunicativo e que rompa com as barreiras da excessiva especialização.

Refletir sobre o trabalho em equipe interdisciplinar faz com que se repense não somente a maneira como os processos de trabalho se desenrolam, mas toda a conjuntura histórica e social ao qual os profissionais encontram-se submetidos, bem como a lógica destrutiva do capital que deturpa a ideia do trabalho em equipe interdisciplinar para extração da mais-valia, interferindo diretamente nas possibilidades de concretização plena desse método de trabalho. Nessa lógica, os processos de trabalho estão confrontados por diversos entraves: institucionais, pessoais, culturais, sociais, econômicos, entre outros.

Mesmo diante dessas dificuldades, o trabalho em equipe numa perspectiva interdisciplinar é uma importante estratégia na busca por romper com ações fragmentadas e que não contemplam as necessidades dos usuários, porém sabe-se que a interdisciplinaridade sozinha não será capaz de transformar o modo de trabalho. Em visto disso é que faz-se necessário uma abordagem histórico-social de equipe interdisciplinar na busca por considerar novas formas de trabalho capazes de transpor os limites impostos pela dinâmica social. A interdisciplinaridade é uma necessidade, mas demanda condições sociais adequadas para a sua realização.

Na falta dessas condições, no capitalismo reestruturado, o trabalho em equipe pode ser um canal para a materialização das desigualdades histórico/sociais ao qual os trabalhadores e usuários estão submetidos. Por isso, é importante destacar a potencialidade que o Assistente Social tem de contribuir para os processos de trabalho em equipe interdisciplinar na medida em que o mesmo é capaz de fazer uma leitura crítica da realidade, levando em consideração o contexto histórico e social e os rebatimentos do mesmo nos processos de trabalho e na vida dos sujeitos. Tem o Serviço Social o potencial de contribuir com um trabalho em equipe verdadeiramente solidário e democratizante.

Como estratégias de fomento ao trabalho em equipe, sugere-se que:

- a) A visualização dos resultados do trabalho é um importante estímulo à cooperação, em consequência de o trabalho especializado já não dar mais conta da complexidade da realidade em comparação com o trabalho em parceria;
- b) Que o trabalho em equipe interdisciplinar colabora para uma melhor clareza das atribuições e papéis profissionais, em virtude de que os trabalhadores da equipe necessitam saber o trabalho que cada membro desenvolve;

- c) Que contribui para a organização de aspectos burocráticos-administrativos, assim como, os supõem, como por exemplo, a elaboração de um quadro com dados da alta do paciente, aspecto que tende a colaborar para os trabalhos em conjunto, melhorando o fluxo de informação e comunicação entre os profissionais.

Juntamente a isso, a abertura de espaços de discussão e troca, bem como, para o cultivo de uma identidade coletiva de modo que os profissionais possam se reconhecer como pertencentes a um corpo coletivo, favorece o trabalho em parceria. Para além disso, este tipo de trabalho suaviza a carga sobre os trabalhadores na medida em que os profissionais trabalham em conjunto, somando forças e criando possibilidades de melhorar os processos de trabalho. Finalmente, na perspectiva de uma gestão social democrática, o trabalho coletivo é compreendido como uma estratégia para enfrentar o individualismo, a fragmentação e o isolamento da classe trabalhadora e não para colocar trabalhador contra trabalhador.

A contribuição do Serviço Social, em conformidade com CFESS (2010, p. 46), “o Assistente Social, ao participar de trabalho em equipe [...], dispõe de ângulos particulares de observação na interpretação [...] e uma competência também distinta para o encaminhamento das ações”. Os Assistentes Sociais possuem uma formação generalista que contribui para a solidariedade e cooperação com outras áreas do conhecimento, fazendo desses profissionais peças chaves em um trabalho em equipe interdisciplinar. Além disso, os Assistentes Sociais realizam uma leitura do contexto social, da estrutura e da conjuntura, sendo capazes de perceber a equipe nesse contexto, de forma a encaminhar processos de organização e mobilização intra e inter equipes.

Assim sendo, este trabalho que consistiu em uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico, procurou não somente discorrer sobre os limites e possibilidades do trabalho coletivo, mas sobretudo trazer questões que possam ser estudadas posteriormente, devido à necessidade de se pensar processos de trabalho compartilhados, levando em consideração o contexto histórico e social. Para tanto, seria desejável aprofundar a pesquisa sobre o trabalho em equipe tomando a equipe como autogestora dos processos de trabalho, pois em conformidade com Filho e Gurgel (2016, p. 253), “é a autogestão o modelo mais avançado de organização decisória”. Aqui os membros da equipe teriam o gerenciamento e o domínio inteiramente sobre o trabalho em equipe, de maneira que equilibrariam força com as chefias das instituições.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Â. S. do; CESAR, M. de J. O Trabalho do Assistente Social nas Fundações Empresariais. In: BOSCHETTI, I. S.; BEHRING, E. R. (Org.). **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília/DF, CFESS, 2009.
- ANTUNES, R; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015.
- BRASIL. Lei n. 8662, de 7 de junho de 1993. **Dispõe sobre a profissão de assistente social e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 8 jun. 1993.

- CFESS. **Código de Ética do Assistente Social. Lei 8662/93.** 10ª. Ed. Brasília: CFESS, 2012.
- CFESS. **Parâmetros para Atuação de Assistentes Sociais na Política de Saúde.** [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2010]. Disponível em:  
<[http://www.cfess.org.br/arquivos/Parametros\\_para\\_a\\_Atuacao\\_de\\_Assistentes\\_Sociais\\_na\\_Saude.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/Parametros_para_a_Atuacao_de_Assistentes_Sociais_na_Saude.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- CARRIJO, D.; PORTO, É. L.; BERTANI, Í. F. Ensaio sobre tema da prática do serviço social na área da saúde: a interdisciplinaridade. **Revista Serviço Social & Saúde**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 39-54, 2003.
- FILHO, R. S. de; GURGEL, C. **Gestão democrática e Serviço Social: princípios e propostas para a intervenção crítica.** São Paulo: Cortez, 2016.
- FRIGOTTO, G. A Interdisciplinaridade como Necessidade e como Problema nas Ciências Sociais. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. **Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito.** 9.ed. atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** São Paulo: Cortez, 1998.
- MACEDO, P. C. M. Desafios atuais no trabalho multiprofissional em saúde. **Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 10, n. 2, Rio de Janeiro, dez. 2007.
- MANGINI, F. N. R. da; MIOTO, R. C. T. A interdisciplinaridade na sua interface com o mundo do trabalho. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n.2, p. 207-215, jul./dez. 2009.
- MOREIRA, C. F. N. **O trabalho com grupo em Serviço Social: a dinâmica de grupo como estratégia para a reflexão crítica.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- MUELLER, R. R.; BIANCHETTI, L.; JANTSCH, A. P. Interdisciplinaridade, pesquisa e formação de trabalhadores: as interações entre o mundo do trabalho e da educação. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. **Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito.** 9.ed. atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- NOGUEIRA, V. M. R. A importância da equipe interdisciplinar no tratamento de qualidade na área da saúde. **Revista Katálysis**, Florianópolis, n. 3, p. 40-48, 1998.
- PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade: Conceitos e distinções.** 2.ed. Ver. Caxias do Sul, Rs: Educus, 2008.
- RAICHELIS, R. O trabalho do assistente social na esfera estatal. In: BOSCHETTI, I. S.; BEHRING, E. R. (Org.). **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais.** Brasília/DF, CFESS, 2009.
- SEVERINO, J. A. Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade. In: SEVERINO, J. A.; et al. (Org.). **Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SILVA, I. Z. de Q. J. da; TRAD, L. A. B. O trabalho em equipe no PSF: investigando a articulação técnica e a interação entre os profissionais. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 16, p. 25-38, set./fev. 2005.
- VASCONCELOS, E. M. Serviço Social e interdisciplinaridade: o exemplo da saúde mental. In: VASCONCELOS, E. M. et. al. **Saúde mental e serviço social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
-

---

**Contribuições dos autores**

**Guilherme Maier Miranda** – Atuou na elaboração do artigo tendo como base o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Fernanda Nunes da Rosa Mangini** – Orientou e atuou na elaboração e revisão do artigo.

---